

## Índice

O tenso estado das nossas opiniões .....	1
Crispados: quando o desacordo é o que irrita .....	3

### O tenso estado das nossas opiniões

Partia-se do princípio de que o abandono das verdades objetivas ia vacinar-nos contra a intolerância e a crispação. Que, uma vez abraçado o relativismo, seríamos mais flexíveis para com as opiniões dos outros. Mas a desejada abertura da mente não aconteceu. Algumas análises sugerem que os confrontos identitários poderiam estar a agravar a polarização mais do que os desacordos de ideias.

À medida que cresce a preocupação com a pós-verdade, faz menos sentido continuar a defender que o relativismo é aquilo que mais convém à democracia. Se lamentamos as notícias falsas, é porque acreditamos que existem factos que não dependem das nossas opiniões. Justamente o contrário da atitude que favorece a polarização: interessa o que diz a minha tribo, não o que seja verdadeiro. Para isso chama a atenção o relatório [“Hidden Tribes: A Study of America’s Polarized Landscape”](#), realizado pela organização More in Common: “O tribalismo destrói a verdade e a objetividade, e substitui-as por lealdades em conflito”.

Daí o grande aumento dos filtros bolha e das câmaras de ressonância ideológicas, potenciados – na opinião dos autores do estudo – pela tendência de alguns meios de comunicação e redes sociais a fazer da crispação a base do seu modelo de negócio. E, por isso, também a mania de politizar todos os âmbitos da vida social. O resultado é uma conversa pública em que “todos os temas podem ser encarados como um conflito de facções entre eles e nós, e onde os fins partidários justificam qualquer meio”.

### A chamada da tribo

A aspiração à verdade é um antídoto contra a obstinação que faz de cada opinião um dogma incontestável, como explicavam os professores Robert P. George e Cornel West numa importante [declaração](#): “Quem foge da idolatria de colocar as suas opiniões acima da verdade, vai querer ouvir pessoas que veem as coisas de modo diferente, para entender que considerações – provas, razões, argumentos – as levaram para um lugar diferente daquele em que, de momento, se encontra”.

É esta disponibilidade de levar a sério as pessoas com as quais discordamos – e não a indiferença relativista – o que “nos vacina contra o dogmatismo e o pensamento de grupo, tão tóxicos (...) para o funcionamento das democracias” (ver “La verdad, aliada del debate civilizado”, “Aceprensa”, 21.4.2017).

Os investigadores de More in Common salientam que para a polarização contribuíram mais as duas tribos – das sete em que dividem a sociedade norte-americana – cujas visões do mundo são mais rígidas: os que designam por “progressistas ativistas” e “conservadores devotos”. Mas a rigidez parece alimentar-se mais da identidade de grupo, da antipatia ou do medo do que é diferente, do que das convicções próprias.

Assim, “o tribalismo reflete-se na importância que as pessoas atribuem à sua pertença a um grupo em particular, ao seu sentido de solidariedade para com os restantes membros da tribo, à sua hostilidade para com os membros de um grupo rival, à sua tendência para pensar de modo parecido com os da sua tribo num amplo leque de temas, e nas narrativas que

partilham sobre os valores morais com outros membros da sua tribo”.

## O meu estilo de vida, em jogo

O poder da tribo pesa mais no atual contexto político dos Estados Unidos, onde as diferenças entre os dois grandes partidos “se sobrepõem com divisões religiosas, culturais, geográficas e raciais”, [defende](#) em “Vox” (5.9.2017) o politólogo Lee Drutman, investigador do *think tank* New America.

Há algumas décadas, quando o consenso cultural e social era maior do que agora, os partidos políticos diferenciavam-se menos entre si. Mas à medida que se foi quebrando esse consenso, as disputas de valores entre republicanos e democratas vieram a ser mais decisivas, ao ponto de que militar numa formação ou noutra implica cada vez mais alinhar com determinadas identidades e afastar outras.

O que diz Drutman pode ser ilustrado com um exemplo de “Hidden Tribes”: enquanto que 86 % de “conservadores devotos” e 78 % de “conservadores tradicionais” consideram que a religião é um aspeto importante nas suas vidas, só 24 % de “progressistas ativistas”, 49 % de “progressistas tradicionais” e 50 % de “progressistas passivos” pensam o mesmo.

São estas diferenças profundas que fizeram com que “a política se tenha tornado mais emocional, pois a perceção é que em cada eleição há mais em jogo. Já não são somente partidos a competir entre si, mas [a competição alargar-se] aos estilos de vida que representam”, defende Drutman.

O mesmo padrão é visível na [política europeia](#), onde as velhas disputas pela dimensão do Estado têm menos peso do que os debates sensíveis como o aborto, o conceito de casamento ou o final da vida (ver “Los catolicos y la izquierda: el choque está hoy en la ética”, “Aceprensa”, 12.7.2006). É evidente que os desacordos de ideias continuam a ser determinantes. O desafio é compreender o porquê de nos estarem a dividir tanto.

## Aberto aos meus

A tendência para dividir o mundo entre “eles” e “nós” não é algo exclusivo dos populistas. E muito menos é realista pensar que a abertura da mente é monopólio de um grupo. Como já mostrou um estudo realizado por investigadores de três *think tanks* independentes, apesar dos conservadores tenderem a ser vistos como mais intransigentes do que os progressistas, a verdade é que uns e outros “mostram níveis semelhantes de intolerância para com grupos ideologicamente diferentes”.

Segundo [explicava](#) um dos investigadores, o psicólogo social Mark Brandt, a suposta maior abertura dos progressistas para com certos grupos (ateus, homossexuais...) bem poderia ser simplesmente um sentimento de simpatia para com aqueles que partilham os seus mesmos valores. O certo é que também os progressistas mostram preconceitos para com os que pensam e vivem de forma diferente da sua (defensores da família tradicional, católicos...). Nas palavras de Nicholas Kristof: “Damo-nos bem com os que não se parecem connosco, desde que pensem como nós” (ver “¿Tan diversa es la izquierda?”, “Aceprensa”, 9.1.2017).

O relatório “Hidden Tribes” também sublinha que a necessidade de aderir a outros que partilham a mesma visão do mundo está muito arraigada no ser humano. E acentua-se em momentos de polarização: “Quando as pessoas percebem uma ameaça externa, aproximam-se mais do seu grupo e estabelecem linhas claras que as separam daqueles que encaram como estranhos”.

## O que cabe numa visão do mundo

O sentido de pertença a um grupo surge de várias fontes. O relatório “Hidden Tribes” destaca a nacionalidade, o sexo, a raça, a religião, a ideologia e o partido político. Todas elas influem na visão do mundo, embora de forma desigual.

Aqui é difícil tirar conclusões muito contundentes. O dado de que os dois grupos mais polarizados são os que mais importância dão à ideologia, poderia levar a atribuir a crispção à firmeza de convicções. Mas a ideologia não determina os pontos de vista nem sequer dentro de uma mesma tribo. Por exemplo, entre os “progressistas ativistas”, 40 % das mulheres pensam que os direitos do sexo oposto são privilegiados no país, contra 1 % dos homens que pensam o mesmo. A diferença também é grande entre os “conservadores devotos”, mas noutro sentido: 38 % dos homens pensam que os direitos do sexo oposto são privilegiados, contra 8 % das mulheres que pensam isso.

Juntamente com a identidade de grupo, o estudo refere quatro “crenças fundamentais” que influem igualmente na forma de ver o mundo: o medo perante o que percebemos como uma ameaça; a preferência por um estilo educativo mais permissivo ou estrito; os valores morais aos quais damos prioridade; e o debate liberdade vs. determinismo.

Nesta parte do estudo, há explicações convincentes e outras mais discutíveis, que se baseiam em ligações forçadas. Por exemplo, é credível pensar que os mais predispostos a dar prioridade na educação dos seus filhos ao respeito pelos mais velhos, pelas boas maneiras ou pela obediência às regras, serão mais propensos do que os permissivos em se preocuparem com a ordem pública. Mas custa a acreditar que o seu

conservadorismo moral também seja atribuível ao mesmo: a relação existe, mas será a única variável?

Muito menos se percebem algumas perguntas em alternativa avançadas pelos investigadores, por exemplo, quando pedem respostas aos inquiridos sobre se consideram que os EUA precisam de “mais razão e ciência” ou de “mais fé e religião”. Para alguns investigadores que desejam combater a polarização, este tipo de simplismos não ajuda.

## Opiniões intocáveis

Apesar dos seus diversos defeitos, o relatório “Hidden Tribes” apresenta dois grandes acertos. Primeiro: mostra que as nossas visões do mundo estão longe de constituir o fruto de inteligentes reflexões; mais, parecem o resultado de uma mistura bastante heterogénea de convicções, identidades, valores, emoções... E segundo: avança com indícios para pensar que o perigo para as democracias não são as convicções firmes baseadas em razões, mas o tribalismo a que conduz a pós-verdade.

Para fazer baixar a crispação ajudaria ter presente que questionar uma ideia não é criticar nem julgar quem a expressa.

[Explica-o muito bem](#) J. Budziszewski, professor de filosofia política na Universidade do Texas em Austin. Se hoje nos falta capacidade para debater de forma civilizada, é porque muitas pessoas acabaram por se convencer de que “não existem bases racionais para as opiniões sobre as questões importantes da vida”.

Isto leva Budziszewski a duvidar que muitas opiniões sejam isso mesmo. Mais, parecem “caraterísticas pessoais”. Se alguém identifica os seus pontos de vista com a sua pessoa, o diálogo torna-se impossível. Porque criticar as suas ideias parece que equivale “a criticar o tamanho do seu nariz. Não o encara como um desacordo, mas como uma desaprovação (...); como se quem discordasse dele, lhe estivesse a dizer: Sou melhor do que tu”.

“Ao adotar esta atitude, também blinda as suas opiniões contra qualquer possível refutação. Se diz: ‘Acredito que estes ovos não estão podres’. E outro responde-lhe: ‘Não estaria assim tão seguro; os três últimos que os comeram, adoeceram’. E o primeiro replica: ‘Bem, eu acredito que estão bons’, convertendo-se esse ‘acredito’ numa rolha para a conversa, porque a prova de que uma opinião é verdadeira é a sua correspondência com a realidade. Mas a possibilidade de que exista uma prova para as suas opiniões é justamente o que ele nega”.

Mau negócio seria afastar do espaço público as verdades objetivas para preencher o seu espaço vazio com opiniões concebidas como prolongamentos da identidade. Se não há referências externas com as quais contrastar, se só interessa a obstinação de que “o que é meu não se discute”, qualquer opinião torna-se intocável: para que ninguém se sinta julgado, prescrevemos que os pontos de vista e os estilos de vida não podem ser criticados. Em nome de uma tolerância *light*, somos confrontados com o dogmatismo duro.

J. M.

## Crispados: quando o desacordo é o que irrita

Aquilo que agrava a polarização não são os debates de ideias, mas a incapacidade para tratar com respeito o discordante.

Na sua [mensagem de Natal](#), com a neutralidade própria do seu cargo, a rainha de Inglaterra Isabel II aludiu à polarização da sociedade britânica. Não fez referências diretas ao Brexit, o tema que mais divide no debate político do Reino Unido. Mas o seu apelo à concórdia chegou nítido a todo o lado: “Mesmo com as diferenças mais profundas, tratar os outros com respeito, e como seres humanos, é sempre um bom primeiro passo para uma melhor compreensão mútua”.

A abordagem de Isabel II não podia ser mais oportuna. Num momento em que se tende a [identificar as pessoas com as suas opiniões](#), ao ponto das críticas aos próprios pontos de vista se viverem como afrontas pessoais, a rainha recorda que as discordâncias não precisam de ser fonte de polarização: são-no quando falta o respeito pelo outro.

Diferentes eram os programas com que se enfrentaram o republicano George H. W. Bush e o democrata Bill Clinton nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, em 1992. Mas isso não impediu o elegante civismo do candidato que saiu derrotado: Bush pai, que aspirava à reeleição. Recordaram-no alguns meios de comunicação aquando da morte do ex-presidente republicano, no passado dia 30 de novembro. Quando Clinton tomou posse a 20 de janeiro de 1993, no Gabinete Oval esperava-o uma nota do seu predecessor:

“Querido Bill: Quando entrei agora neste Gabinete tive a mesma sensação de assombro e de respeito que tive há quatro anos. Sei que tu também sentirás o mesmo. (...) Não deixes que as críticas te desanimem ou que te desviem do teu caminho. Serás o *nosso* presidente quando leres esta nota. Desejo-te o melhor. Desejo o melhor para a tua família. O teu sucesso agora é o sucesso do nosso país”.

Entre este episódio e o clima político que vivem hoje os norte-americanos, passaram mais de duas décadas. O que é que mudou? Para o Pew Research Center, o mais característico do momento atual é a [crescente antipatia](#) para com os votantes do partido rival, que são demonizados como nunca o haviam sido até agora: os adversários não só estão errados, como são deploráveis e mesquinhos (ver “Ideas para llevar la calma al espacio público”, “Aceprensa”, 18.10.2017).

Este é o efeito paradoxal a que conduz a nova polarização de cariz relativista. Por um lado, o relativismo converte em sagradas todas as opiniões, ao proclamar que não existem critérios objetivos para discernir se algumas são mais valiosas do que outras. Mas, por outro, tolera-se mal o desacordo e os rivais são julgados com mais dureza. Existem menos debates de ideias, mas mais desqualificações.

### **O conflito é inevitável**

Para explicar os motivos porque a polarização é tão tóxica, Lee Drutman [distingue](#) entre o que faz parte do normal jogo democrático e o que constitui a sua degradação. Para este analista, seria ingénuo imaginar um espaço público sem conflitos nem divisões partidárias. De facto, as diferenças entre partidos são necessárias para que haja verdadeira democracia; sem elas, “os votantes não têm opções significativas (...); a política de um só partido não é democracia. É totalitarismo”.

A concorrência também é saudável, porque “dá aos partidos incentivos para responderem perante os votantes”. E possibilita integrar pessoas diferentes num projeto comum. O que, novamente, traz dinamismo à democracia.

A má notícia é que, “para unir alguns, os partidos também devem dividir”, pois necessitam de se diferenciar dos adversários. “Este é o paradoxo: não podemos ter democracia sem partidos. Mas quando o partidarismo se apodera de tudo, é cada vez mais difícil que funcione a democracia”.

É neste contexto de politização extrema, que as diferenças podem deixar de ser saudáveis e abrir a porta ao desprezo mútuo.

### **Luta de identidades**

Na criação desta realidade de soma zero teve influência o tribalismo identitário, um cujos traços mais claros é o recolhimento dos norte-americanos em “epistemologias tribais sepa-

radas, cada uma com o seu próprio conjunto de factos e primeiras premissas cada vez mais incompatíveis”.

Existe tribalismo quando a lealdade aos meus me incapacita de ouvir os argumentos dos de fora, porque afasto à partida que algumas vezes possam ter razão. Assim, não há confronto de ideias possível, porque qualquer novo dado ou ponto de vista que possam avançar-me, irá chocar contra a “verdade” incontestável que apresenta a minha tribo.

O tribalismo reduz as possibilidades de ver os outros como merecedores do mesmo respeito. “Quando a divisão [partidária] se faz em termos de pureza e impureza, quando se transforma numa luta entre ‘eles’ e ‘nós’, aí não há negociação possível, porque não existem princípios negociáveis; apenas lealdades de grupo. ‘Nós’ somos bons e puros, enquanto que ‘eles’ são maus e corruptos”.

Drutman não idealiza a velha política de interesses, na qual os partidos eram capazes de negociar para que todos ficassem a ganhar. Mas insiste em que, enquanto o conflito partidário continuar a girar sobre temas identitários, será impossível romper o insano laço da polarização.

J. M.